

ARTESANIAS DE UMA EXPERIÊNCIA NARRATIVA TECIDA COM IMAGENS DE SI

Rita de Cássia Fraga da Costa ¹ e Taiza Mara Rauen Moraes ²

Resumo

A proposta do artigo é tecer reflexões analíticas sobre os entremeios das narrativas de si artesanizadas em uma proposta educativa sensível decorrente de uma pesquisa com idosos que resultou num panô têxtil costurado como expressão de si e num diário de campo da pesquisadora sobre seis oficinas de artesanias, com 11 idosos, em um Centro de Referência em Assistência Social (CRAS). A abordagem é um exercício cartográfico desencadeado por experiências artesanizadas narrativamente com imagens em uma produção têxtil (auto)biográfica de um panô de memórias.

Palavras-chave: experiência narrativa autobiográfica; idosos; narrativas imagéticas; artesanias; panô de memórias.

ARTISANS OF A NARRATIVE EXPERIENCE WOVEN WITH IMAGES OF THEMSELVES

Abstract

The purpose of the article is to weave analytical reflections on the Approaches of the narratives themselves crafted in a sensitive educational proposal resulting from research with the elderly that resulted in a textile cloth sewn as an expression of itself and in a field diary of the researcher on six workshops of artisans, with 11 elderly people, in a Reference Center for Social Assistance (CRAS). The approach is a cartographic exercise triggered by experiences narratively crafted with images in a textile production (self)biographical of a panô of memories.

Keywords: autobiographical narrative experience; elderly; imagery narratives; artisans; panô of memories.

1. Introdução

O Panô de Memórias é produto e processo elaborado artesanalmente. Resulta de uma proposta de educação sensível para/com idosos que abordou as artesanias com os têxteis como possibilidade metodológica. Foi criado

¹ Doutoranda em Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Membro do Grupo de Estudos Imbricamentos de Linguagens (PPGPCS/UNIVILLE). Bolsista CAPES/PROSUC.

² Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade (PPGPCS), na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Coordenadora do Grupo de Estudos Imbricamentos de Linguagens (PPGPCS/UNIVILLE).



colaborativamente em oficinas de artesanias no desenvolvimento de uma pesquisa narrativa com idosos, a qual foi realizada com autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEPE), da universidade, na ocasião em que os participantes concordaram pela exposição de seus nomes próprios.

Na feitura do Panô de Memórias, a experiência com as artesanias apontou que o entrelaçar das expressões narrativas, as ações e estímulos que sustentavam as interações dos idosos nas rodas de conversas a cada oficina de artesanias, foram evidenciados nas imagens criadas com têxteis por esses interlocutores. O Panô de Memória é formado na costura das composições imagéticas arquitetadas em tramas e alinhavos de entremeios têxteis, criações que compõe em imagem a expressão de seus partícipes formuladas na intenção de apresentar a si. A possibilidade de tecer se apresentou como possibilidade de escritura e leitura de si mesmos e do grupo.

No desenrolar das oficinas em artesanias, junto ao grupo de idosos, nas vias da produção dessa peça têxtil, que como uma colcha de retalhos apresenta seus coparticipantes, foi possível assegurar que a proposta educativa surgiu conectada à formação cultural, possibilitando a inserção de cada interlocutor em seu processo histórico como sujeito de experiência, em que o seu Eu singular surgia tecido ao seu Eu plural.

Deste modo, o Panô de Memórias com suas narrativas artesanizadas em imagens têxteis, se aliou de modo muito adequado à pesquisa narrativa, pois possibilitou “[...] identificar, documentar, tornar visíveis e publicamente disponíveis a diversidade de significados humanos para dar conta do vivido, do experimentado e do representado, e a multiplicidade de projetos de vida decorrentes deles como traços de horizontes de futuro” (SUÁREZ, 2017, p.11).

O (re)visitamento aos registros desse campo de pesquisa narrativa, um panô têxtil costurado como expressão de si e um diário de campo, anotações da pesquisadora sobre o desdobrar de seis oficinas de artesanias, trouxe à tona indagações que embasam uma pesquisa/tese, com abordagem narrativa e cartográfica, em desenvolvimento em um programa de pós-graduação de uma universidade comunitária, em Santa Catarina.

Diante da potencialidade das experiências em artesanais com os idosos, este artigo busca tecer reflexões analíticas sobre os entremeios das narrativas de si artesanizadas em uma proposta educativa sensível decorrente de uma pesquisa com idosos que resultou num panô têxtil costurado como expressão de si e num diário de campo da pesquisadora sobre seis oficinas de artesanias, com 11 idosos, em um Centro de Referência em Assistência Social (CRAS).

Neste pesquisar, apoiadas em Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011, 2012), cartografamos possibilidades ao compor as seguintes reflexões: Como o tecer entremeia as narrativas de si nas artesanias de uma proposta educativa sensível em decorrente de uma pesquisa narrativa com idosos? E neste ínterim, como o ato de tecer uma imagem em uma apresentação (auto)biográfica pode contribuir na expressão narrativa?

Para tanto, evidenciamos que as narrativas artesanizadas em imagens no texto-tecido são territórios para esta cartografia que surge do fazer/refletir/sentir resultantes de desdobramentos que se estabelecem em campo aberto, sem centralidades (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Portanto, este pesquisar-tecer é proposta porosa, dirigida para o desejo de espiar os entrelugares na busca de compreender como a vida se efetua, como as experiências acontecem, por isso, desliza sobre percursos e devires e não é validada na observação do objeto em si. Neste sentido, o acompanhamento das multiplicidades em torno das ações do tecer, bordar, costurar, artesanizar o texto narrativo e imagético, é potencialmente revelador de sentidos.

Neste desdobrar, verificamos que a proposta para essas oficinas de artesanias se desenrolou a partir do desafio de criar, com uma diversidade de fios e tecidos disponíveis às mãos, expressões em imagens de narrativas artesanizadas de vida de seus partícipes, um grupo de idosos entre 60 e 72 anos.

Os idosos, participantes das oficinas foram provocados a mergulhar nas artesanias para encontrar modos de compor imagens tramadas, costuradas, bordadas, arquitetadas que evidenciassem suas subjetividades, ações/reflexões incorporadas em suas memórias. A proposta foi desencadeada em rodas de conversas compreendidas “[...] como método para a [produção e] recolha das narrativas” (ROCHA, PASSEGGI, 2021, p. 16). Dinâmica iniciada com a apresentação de um pequeno acervo de produtos artesanais elaborados com traços da cultura local e um convite para a participação em encontros projetados para a produção de um panô têxtil artesanizado de memórias.

Os registros narrativos da produção do campo de pesquisa permitem acompanhar a ação narrativa desencadeada, a partir de relações que afloraram narrativas de si permeadas por diálogos verbais, gestuais que resultaram na artesanaria de panôs têxteis de memórias.

Portanto, no desdobramento desta produção, o item *Panô de Memórias* apresenta o que é esta composição têxtil na sua relação com os conceitos de artesanias e das experiências narrativas autobiográficas.

Na continuidade, o item *Tecer a imagem de si: tecido e texto* traz reflexões sobre os encontros, as narrativas, os enredos do tecer entre as ações das oficinas de artesanias com os idosos, além de alguns conceitos para o tecido e o têxtil, reiterando a importância de pensar outras textualidades na experiência de criar a expressão de si nas narrativas em imagem. No item *O que o ato de tecer pode carregar em si? – algumas ideias*, busca-se sinalizar as potencialidades metodológicas do tecer.

E por fim, o item *Tessituras da experiência narrativa artesanizada* é impulsionado pela busca dos delineamentos dos caminhos e das veredas do exercício do tecer como um alavancador de memórias nas rodas de conversas narrativas até a produção artesanal do panô têxtil com imagens.

2. Panô de Memórias

O Panô de Memórias, entendido como um quadro têxtil em formato de painel, é resultante de uma costura cooperativa produzida por idosos vinculados ao Centro de Referência em Assistência Social (CRAS). O processo de sua criação foi decorrente de uma dinâmica educativa sensível, em meio as ações interativas de rodas de conversas, num tempo/espaço formado na articulação artesanal de pequenos têxteis tramados na confecção de uma imagem elaborados individualmente como apresentação de si, memórias de vidas artesanizadas.

Figura 1 – O Panô de Memórias do grupo de idosos do CRAS



Fonte: Costa, 2019.

O conceito de narrativas artesanizadas impulsionou a pesquisa, pois segundo Petrykowski Peixe *et al.* (2014, p. 41), as artesanias reconstituem experiências vividas “[...] as complexidades e a amplitude, tanto dos processos reflexivos e manuais que envolvem os fazeres artesanais, quanto dos produtos resultantes pelo uso de tais habilidades, nesse caso, o artesanato”. Portanto, consideramos que na experiência de composição do Panô, o artesanizar é a expressão de si, que se realiza ao revelar o traço do artífice-interlocutor, em matéria moldada na espessura de sua singularidade quando conectada ao mundo, em composição relacional com o social, o cultural, o político e o estético.

Assim, nessa produção narrativa, na expressão de si em imagens, os idosos teceram memórias vividas em tramas com os fios e tecidos, pois

[...] só a escritura, de fato, pode assumir o caráter ficcional dos falares mais sérios [...] só a escritura pode misturar os falares [...] Só a escritura, enfim, pode desdobrar-se sem lugar de origem, [...]

ela antecipa um estado de práticas de leitura e de escrita, no qual é o desejo que circula, não a dominação (BARTHES, 2012, p. 138).

A criação têxtil pela artesanaria do *Panô de Memórias* assume o caráter (auto)biográfico, portanto se configura como uma escrita de si, por possibilitar que seja ativada a:

[...] potencialidade formadora da narrativa autobiográfica, em que o sujeito, ao elencar o que escreve [ou costura, borda, registra em imagem], pesquisa sobre si e suas experiências, em um processo de reflexividade autobiográfica, elegendo o que registrar e atribuindo sentidos singulares ao que propõe na escrita de si; [Ainda, por] “[...] ser um modo de reconfiguração, [...], e resignificação das experiências narradas oralmente; [E, por fim,] [...] para registrar e melhor visibilizar experiências subjetivas do autor/ator/narrador, considerando o social que integra sua própria história, mas que a sua história, como auto.bio.grafia, só pode ser narrada por si mesmo (OLIVEIRA; PASSEGGI, 2021, p. 50-51).

Ainda, Passeggi (2008, p. 27) sinaliza que “auto-bio-grafar” é entendido como o processo de:

[...] aparar a si mesmo com suas próprias mãos. Aparar é aqui utilizado em suas múltiplas acepções: segurar; aperfeiçoar; resistir ao sofrimento, cortar o que é excessivo e, particularmente, como se diz no Nordeste do Brasil, aparar é ajudar a nascer. Esse verbo rico de significado permite operar a síntese de bio-grafar-se, aqui entendido, ao mesmo tempo, como a ação de cuidar de si e de renascer de outra maneira pela mediação da escrita (PASSEGGI, 2008, p. 27).

A criação do Panô de Memórias com os idosos do CRAS, as experiências como expressão de si em imagens indiciam esse autobiografar-se. Autobiografar, compreendido como um processo narrativo, “[...] ação humana espontânea” (PASSEGGI, 2010, p. 104), em que “[...] o sujeito toma a si mesmo como objeto de reflexão” (PASSEGGI, 2010, p. 110). Assim, na inscrição de fragmentos da história de suas vidas na composição de uma imagem que o apresenta, nas artesanarias do panô, o interlocutor-artífice gera outra possibilidade de registro (auto)biográfico. Experiência focada em reflexões decorrentes de um tecer que entremeia narrativas de si nas artesanarias de uma proposta educativa sensível desencadeadas por memórias orais estimuladas em rodas de conversas e na produção artesanal do panô têxtil com imagens que recuperam experiências vividas.

3. Tecer a imagem de si: tecido e texto

As reuniões com os idosos assistidos no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), no desenvolvimento das oficinas de artesanarias, na dinâmica das rodas de conversas ocorreram em torno de uma grande mesa

abastecida de materiais têxteis e os participantes foram estimulados a produzir diálogos orais buscando a tessitura de memórias associadas ao ato de tecer.

O convite ao tecer, ao criar com a sobreposição de materiais têxteis uma imagem de apresentação de algo importante da vida, foi um chamado para que pesquisadores e pesquisados se permitissem a viver momentos de descobertas. Dessas ações, foi criado um tecido como espaço (auto) biográfico desencadeado no processo pesquisar/tecer, apoiado “[...] principalmente à compreensão da natureza do discurso autobiográfico, enraizado na atitude fundamental do humano” (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p. 8).

Assim, as oficinas se constituíram como momentos de encontros, de comunicação de afetos e de memórias através da elaboração artesanal que culminou num Panô de Memórias, registro da expressão de si construída na relação com os outros, uma elaboração temporal de vivências, delineadas ponto-a-ponto. Na ação de compor com retalhos e fios a narrativa imagética de memórias selecionadas objetivou-se a confecção de um texto-têxtil (auto)biográfico.

Vislumbramos as tessituras do Panô como uma textualidade, na qual, o jogo palavra/imagem se articulasse da imagem para a palavra, e vice-versa, e ou, do tecido para o texto, e vice-versa, por e entre movimentos expressivos em que a conotação das palavras ocorre na poética da criação de um texto da apresentação de si na confecção artesanal em uma imagem com têxteis (BARTHES, 2012).

Texto é palavra originária do latim *textus*, que “[...] também quer dizer “tecido” e “maneira de tecer” (LIMA, 2020, p. 4). O tecido das artesanias do Panô de Memórias é texto que carrega em si um imbricamento de imaginários e de linguagens. Uma trama discursiva elaborada em escolhas conjuntas, em enunciados de nossa assunção política e social (BARTHES, 2012).

Figura 2 – O Panô de Memórias artesaniado por Dona Ernestina.



Fonte: Costa, 2019.

Para refletir sobre o processo, retomamos aos registros do diário de campo da pesquisa:

[Terceiro encontro de artesanias - início da manhã na sala de encontros no CRAS]. Eles já se envolvem na chegada com seus panôs guardados na caixa, antes mesmo do café. [...] e logo que D. Ernestina abre sua produção, já bem adiantada com uma composição de várias imagens, tirando-as de dentro da caixa, ofereço-lhe ajuda, mas também puxo conversa (estando curiosa) querendo saber, falo: “A senhora quer me contar o que foi que lembrou para fazer assim (apontando o seu panô)?” Gosto de falar com ela, pois é aquele tipo de pessoa que a emoção faz pausa na fala, se revelando entre um suspiro e outra palavra. Ao responder, D. Ernestina, de início, alonga o A de sua frase inicial, ficando um “Aaaaaahhh [quase um suspiro], querendo e com certa dificuldade completando o dizer: “Ah! Eu pensei em minha mãe!” E ela continua falando agitando os braços e apresentando pausas em que o silêncio dizem muito. Esse Ah!! alongado parece fazer abertura ou equilibrar as emoções para tramar sobre uma memória importante. A figura feminina construída com recortes de tecido é destaque quase ao centro do panô de D. Ernestina. Por um tempo, eu não desconfiava quem era, ela também não comentava. Parecia insinuar que era alguém elegante, importante, talvez ela própria. [Por muito tempo acreditei que ela se retratava naquela imagem], pois, D. Ernestina é uma senhora muito ativa. Apesar de ser a de maior idade no grupo, é muito ágil, habilidosa [...] Não é difícil encontrá-la ao telefone combinando algum outro afazer. Também é bastante solidária. Sempre envolvida em resolver problemas no banco ou prefeitura. Vai sozinha e frequentemente ao centro da cidade, fato que parece representar uma autonomia considerável para esse grupo. (COSTA, 2019, Registros do Caderno de Experiências).

A imagem feminina expressa no panô artesaniado por D. Ernestina, remete à figura materna, projetando aspectos do ‘viver a velhice’. O feminino, como nos aponta Ana Maria Machado (2003), é encontrado com certa facilidade nas produções da literatura que relacionam textos com a ação de tecer, tramar, bordar, costurar..., tal como nas lendas da mitologia, como o caso de “*Aracne*”, como escreve Machado (2003, p. 178).

[...] um mito fascinante, de uma tecelã que confia tanto em sua habilidade que se sente capaz de desafiar a divindade para um concurso de tecelagem no qual, não apenas tece melhor do que Atena, mas tem a suprema ousadia de usar sua tapeçaria para ilustrar os crimes cometidos, pelos deuses, contra mulheres. Em consequência desse ato, é castigada e transformada em aranha (MACHADO, 2003, p. 178).

Dona Ernestina nesta experiência têxtil-texto teve a agilidade da aranha que é narrada com imagens como a *Aracne* habilidosa tecendo outros textos possíveis para encontrar saídas dos labirintos em sua vida.

D. Ernestina faz uma longa pausa após falar o final da frase de apresentação da figura de sua mãe. “Eu estava despreparada, fiquei surpresa com tanta emoção [...] Eu, sentada diante dela, esqueci o restante da sala, ajudada pela atípica manhã que começava densa e lenta, no encontro desse grupo”. D. Ernestina, de repente, segue: “Aqui era o jardim nosso! Uma flor!” [Suspiro estremecido, mão que passa na ponta do nariz tentando trazer algum alívio] e vai explicando que as flores eram usadas pela mãe para enfeitar a casa. [...] A memória vageia entre as ausências e as presenças. Ela contextualiza que perdeu o pai há 47 anos e a mãe há 18 anos, calcula o tempo da perda pela idade de seus filhos. A turma vai chegando e D. Ernestina seguiu memorizando experiências vividas (COSTA, 2019, Registros do Caderno de Experiências).

A velhice ou o tempo longo da ausência de seus amores, revelaram-se potentes na (re)escritura de si em imagens têxteis. Dona Ernestina (re)bordou, (trans)bordou ao refletir sobre sua própria existência ao artesaniar as imagens de sua história de vida.

4. O que o ato de tecer pode carregar em si? – Algumas ideias

Organicamente tramar têxteis, fios e ou diversos tecidos, faz volume, ocupa espaço. Segundo Frago (2001):

A ocupação do espaço, sua utilização, supõe sua constituição como lugar: ‘o salto qualitativo’ que leva do espaço ao lugar é pois, uma construção. O espaço se projeta ou se imagina; o lugar se constrói. Constrói-se ‘a partir do fluir da vida’ e a partir do espaço como suporte; o espaço portanto está sempre disponível e disposto para converter-se em lugar, para ser construído (FRAGO, 2001, p. 61).

Na condução deste pesquisar, encontramos espaço para selecionar algumas percepções acerca da compreensão do tecer como abordagem metodológica narrativa. Dean (2010) registra que:

A academia mal começou a discutir formalmente a utilização do tecer como um método plausível para conduzir pesquisas [...]. No entanto, as próprias comunidades têm usado o tecer como um método funcional para dividir, explorar e aprender por várias gerações e irá continuar a fazê-lo. (DEAN, 2010, p. 6).

Portanto, enfrentamos o desafio de compreender o tecer como possibilidade metodológica e narrativa. O tecer é uma abordagem que “[...] envolve autorreflexão” como dizem Adams e Faulkhead (2012, p. 1019), mas

também, é construção na partilha, na trama do Eu no/com o Outro, como também, pelas possíveis multiplicidades imbricadas no tempo, na memória e na experiência.

Tecer em narrativas no tempo que, concomitantemente, cresce em direção ao passado, acompanha o presente e faz futuro, engendrando seus sujeitos (BERGSON, 2010). Tecer narrativas de memórias é desvelar histórias contidas, guardadas, ocultadas, preservadas ou silenciadas, inventadas, (re)novadas, memórias pessoais, de entendimentos de si; memórias de uma sociedade, de uma localidade, de uma paisagem.

A pesquisa narrativa é relacional, ou ainda, é um convite a perceber as relações entre as narrativas e as experiências (CLANDININ; CONELLY, 2015). Portanto, está ancorada na observação da performance narrativa, situações em que se fazem manifestas a necessária escuta e observação aos seus interlocutores. Falamos de uma escuta como um estado de desimpedimento, que vai dispondo o sujeito à interação. A observação nos permite fazer outras redes de relações, construir outros modos de pensar/ler o mundo. Com isso, nesta disponibilidade, as expressões narrativas emprestam vozes às experiências (re) memoradas. Por vezes, a expressão narrativa é isenta de voz, mas, carregada no gesto, cujo corpo fala e comunica seus percursos; movimentos de pensar, pesquisar e construir conhecimento.

Tecer que (re) entremeia os fios das experiências narrativas como meio de conduzir a vida e o conhecimento. Modo em que a vida escoia em gestos, em oportunidades para comunicar os pensamentos, anunciar as ideias ainda embrionárias e compartilhar o conhecimento (FAULKHEAD; THORPE, 2019).

A partir deste entendimento, destacamos que os gestos narrativos também acontecem na ação de bordar ponto a ponto uma imagem; movimento manifesto de talhar e colher ideias; tempo e espaço tomado no enredo de fios, lugar narrativo criado como tecido, como corpo de subjetividades.

5. Tessituras da experiência narrativa artesanizada

Há diversos modos de (re) fazer o tecido e ou empregar à tessitura ilustração que o valorize, um deles é através do bordar. Neste processo, a bordadura acontece com fios e agulhas, sempre empregados para imprimir certo adorno à trama, a fim de destacar e ou valorizar certos pontos do tecido, em que a atenção de quem tece e ou de quem mergulha o olhar em suas formas acaba por fazer paragem. Para Dias (2018, p. 32) bordar é "atravessar um suporte com uma agulha ou similar conduzindo fios coloridos que transpassam o suporte deixando rastro". Portanto, requer a esse artífice a atenção de cartógrafo, uma "atenção flutuante", um estado de "reconhecimento aberto" (KASTRUP, 2007, p. 15). Em decorrência, mapear, fazer um rizoma sobre as imagens de uma narrativa artesanizada por um grupo de idosos, resulta em pontos de paragem e de reflexão, e o nosso percorrer acaba por realizar outras tramas, (re) fazendo o tecido de uma pesquisa social e deixando rastros como no bordar.

Grysczek e Neubarth (2018), reafirmam que no uso das linguagens das artes, incluindo o artesanato e suas artesanias, em propostas sensíveis de oficinas em ateliê com práticas em grupo, as experiências narrativas e estéticas são desveladores de novos sentidos para a vida. Estudo esse que revalida a potência prática da intervenção “[...] que se vale de uma escuta acurada, em que sensações, sensibilidades e o imaginário são aspectos valorizados” (GRYSCHKE; NEUBARTH, 2018, p. 165), e ressaltam a especial interação do criar, afetar e bordar, como possibilidade de expressão de si.

Enquanto bordam, o vai e vem dos fios se entrelaça com o vai e vem das linhas de suas histórias de vida. Assim, ao puxar o fio/linha, resistências, cortes, transpassam as narrativas. Surgem estratégias de enfrentamento para problemas da vida diária. Cada uma [e ou um] em seu próprio devir compartilha possibilidade de solução com o grupo. E vai se tecendo uma rede de afetos, histórias e casos peculiares (GRYSCHKE; NEUBARTH, 2018, p. 166-167).

O bordar, em seu amontoar de traços, alimenta relações e entendimentos, em posicionamentos que admitem a cada artífice-interlocutor à rede narrativa. Produção que ressalta e acomoda as diferenças num jogo dialógico. Neubarth (2002, p. 25-26) enumera que:

[...] o toque lhe permite sentir a textura do pano, sua resistência, a grossura das linhas e o manuseio dos mediadores – agulhas e tesouras – exigem-lhe destreza e habilidade. Um cortar por cortar pode estragar o pano ou ferir, assim como a agulha que, da mesma forma, pode perfurar. Materiais com características tão diversas vão auxiliar no processo de gerar experiências no mundo real, contribuindo para a sua memória pessoal e cultural. É sabido que, nas relações humanas, algumas das formas mais poderosas de um *contato* são as físicas (NEUBARTH, 2002, p. 25-26).

Contatos possíveis de localizar nos pontos/traços/rastros que compõem as imagens artesanizadas nos panôs de bordados e costuras, nestes panôs que se apresentam como texto / tecido narrativo. Esta concretude dos pontos do bordar, do costurar, são como as certas estabilizações que parecemos procurar quando estamos envolvidos na ação de produzir a expressão de nosso Eu, na performance comum ao processo narrativo.

As tessituras de memórias e de afetos não são estanques, pelo contrário, seguem a vibrar em um “batimento” comum às imagens ao flamular diante de nossas percepções (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 9). Assim, na performance narrativa há uma demanda por certas estabilizações, breves instantes de fixidez que colaboram para que os interlocutores encontrem seus momentos autorais, dando corporeidade ao seu Eu, ao tomar a linguagem (a voz, os gestos, a palavra, as artesanias, a experiência narrativa) para a enunciação de si (PASSEGGI, 2020). Portanto, o tecer de um texto de memórias e de afetos, narrativas artesanizadas com fios e tecidos compoem imagens que apresentam seus sujeitos, revela um aprontamento desses artífices-interlocutores. Estado

que lhes permitem seguir alternando suas posições, em entendimentos sobre si mesmo e seu mundo, em busca por novas atualizações de si. As tessituras de memórias revelam que o sujeito-artífice, nossos copesquisadores idosos do CRAS, na ação de tecer/bordar/artesaniar suas narrativas, são um composto de forças, um diferir sempre em movimento, um infinito acontecer inacabado em constante devir (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Em decorrência, podemos admitir que, no humano é particular que, logo que, o Eu esteja expresso em ato na linguagem, tudo se desfaz e o corpo segue em movimento, em busca por novas teias de saberes.

6. Fiando algumas considerações

Na busca por acompanhar as experiências com as narrativas em imagens, nas artesanias de uma produção têxtil, a partir de registros narrativos de um campo de pesquisa com idosos, inquerimos o tecer indagando: como o tecer entremeia as narrativas de si nas artesanias de uma proposta educativa sensível em uma pesquisa narrativa com idosos? Como o ato de tecer uma imagem em uma apresentação (auto)biográfica pode contribuir na expressão narrativa?

Questões essas que nos motivaram a conjecturar sobre o tecer, mais especificamente, vislumbrar como o tecer acontece em uma pesquisa narrativa, desde o abrandamento das memórias nas rodas de conversas até a produção artesanal do panô têxtil com imagens.

Neste caminho, algumas pistas foram encontradas. A primeira pista sinalizada diz respeito ao tecer como escritura, como texto costurado, bordado, adensado em camadas, visto como tecido narrativo que dá corpo a construção e abarca a própria experiência narrativa.

O tecer se revela como produção elaborada no devir dos corpos afetados por memórias e sentidos de seus sujeitos-artífices, ou ainda neste caso, artífices-interlocutores. Tecido adensado pelos afetos, colhidos nas relações tramadas nos fios de subjetividades; produção narrativa mediada por tesouras e agulhas que percorrem regendo as rodas de conversas.

A segunda decorre dos desdobramentos deste pesquisar e faz referência ao tecer como metodologia narrativa tendo como base a dinâmica dos processos das artesanias em seu constante movimento de fazer/refletir/sentir. Envoltos no desafio de expressar a si pelas artesanias de imagens tramadas com fios e têxteis, os sujeitos desta experiência narrativa e estética seguem passos similares a proposta metodológica de pesquisa narrativa da "escrita de si". (OLIVEIRA; PASSEGGI, 2021, p. 50).

Dizemos que, na expressão de si na tessitura de imagens bordadas, costuradas, tramadas com têxteis, estes artífices-interlocutores acabam por perpassar às fases da metodologia narrativa da escrita de si, sendo que primeiramente surge a "reflexividade autobiográfica" e, na sequência, executam a "reconfiguração" e a "ressignificação" das suas experiências por estas narrativas (OLIVEIRA; PASSEGGI, 2021, p. 50-51).

De modo comparado essas metodologias da expressão de si e da escrita de si, o tecer se equipara a escrita, e a artesanania da imagem equivale a dinâmica da grafia da palavra. Ambas são escrituras e proporcionam inúmeras possibilidades de leituras de seus cenários e sujeitos (BARTHES, 2012). Também, essas metodologias narrativas revelam os processos da experiência narrativa na formação destes interlocutores e, por assim ser, merecem um estudo específico mais denso.

A terceira está centralizada na memória, visto que os idosos entregues ao desafio de expressar a si em imagem, seguiram se articulando na comunicação com o seu grupo, assim, entre suas interações, foram alcançando sentidos às percepções, bem como, (re)criando enredos às histórias que surgiam na circularidade da roda de conversas que os acomodava. Nesta dinâmica de construção do *Panô de Memórias*, quadro têxtil em formato de painel, que contém nas linhas de suas costuras a coletiva (inter)ação destes interlocutores, há uma tensão permanente entre o particular e o geral, sustentada pelas memórias que adensam estas relações, desenhando, reelaborando um sentido único, que enfim, se encontra na novação dos lugares e em outros entendimentos sobre si mesmos e seus mundos.

Processos cartográficos que se instituem no observar e no fazer e propiciam novos olhares para o pesquisar como um processo dinâmico contínuo de observação, reflexão e construção/reconstrução. Discussão que indicia o tecer e as artesanias com têxteis como possibilidades no desenvolvimento da pesquisa narrativa nas humanidades, em propostas de estudos que deflagrem as potências das experiências do imaginar e do (re)criar.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Karen; FAULKHEAD, Shannon. This is not a guide to Indigenous research partnerships. In: **Journal Information, Communication & Society**, v. 15, n. 7, p. 1016-1036, 2012. Disponível em: <https://ir.lib.uwo.ca/aprci/164/> Acesso em: 20 set. 2020. <http://dx.doi.org/10.1080/1369118X.2012.709260>

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 3. ed. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 4. ed. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. 2. ed. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

COSTA, Rita de Cássia Fraga da. **Artesania**: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade. 2019. 159 f. Dissertação



(Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2019. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1502804/Rita_de_Cassia_Fraga_da_Costa.pdf . Acesso em: 5 nov. 2021.

DEAN, Cheree. A yarnning place in narrative histories. **History of Education Review**. v. 39, Issue. 2, p. 5-26, 2010. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/08198691201000005/full/html?skipTracking=true> Acesso em: 10 maio 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. v. 1, 2. ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. v. 3, 2. ed. Tradução de Antônio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

DIAS, Marília. **Bordaduras: processo construtivo da Exposição Coisas de Alice**. Curitiba: Edição do Autor, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Falenas: ensaios sobre a aparição** 2. Tradução de Antônio Preto, Eduardo Brito, Mariana Pinto dos Santos, Rui Pires Cabral e Vanessa Brito. [Coleção Imago]. Lisboa: KKYM, 2015.

FAULKHEAD, Shannon; THORPE, Kirsten. Dedicatória: arquivos e comunidades indígenas. *In*: GILLILAND, Anne J.; MCKEMMISH, Sue; LAU, Andrew J. (org.). **Pesquisa no Multiverso Arquivístico**. Tradução Ana Cristina Rodrigues. Salvador: 9 Bravos, 2019. p. 9-20.

FRAGO. Viñao Antonio. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. ed. Tradução Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

GRYSCHER, Christine; NEUBARTH; Barbara E. É preciso saber inventar as coisas. *In*: FONSECA, Tania Mara Galli; CAIMI, Claudia Luiza; COSTA, Luis Artur; SOUSA, Edson Luiz André de. (org.) **Imagens do fora: um arquivo da loucura**. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 165-172.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Revista Psicologia & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 19, p. 15-22, jan/abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/8rWQrJSBTg7w8zTV47svGTq/abstract/?lang=pt> Acesso em 20 out. 2021.

LIMA, Estefania (org.). **Textus** - Mapeamento de Referências em artes manuais têxteis. Curitiba: Urdume, 2020. Disponível em: <https://www.urdume.com.br/textum> . Acesso em 10 fev. 2021.

MACHADO, Ana Maria. O Tao da teia: sobre textos e têxteis. **Revista Mulher, Mulheres Estudos Avançados**, São Paulo, v. 49, n. 17, p. 173-196, dez. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9951/11523> Acesso em: 08 nov. 2021.

NEUBARTH, Barbara E. Bordando a vida: agulhas, linhas, panos e tesoura como objetos transicionais. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v. 4 (suplemento), p. 23-37, 2002.

OLIVEIRA, Roberta Ceres Antunes Medeiros de; PASSEGGI, Maria da Conceição. Escritas de si e desenvolvimento profissional em classe hospitalar: memórias, capital autobiográfico e ethos docente. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; SA JÚNIOR, Lucrécio Araújo de; BARBOSA; Tatyana Mabel Nobre. (org.). **Educação e experiência**: narrativas em múltiplos contextos. [e-book] 1. ed. Natal: EDUFRN, 2021. p. 41- 73 . Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/31810/1/EducacaoeExperiencia_Passeggi_SaJunior_Barbosa_2021.pdf Acesso em: 05 out. 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (org.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 27-42.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Experiência vivida, experiência narrada**: potencialidades da pesquisa-formação. Faculdade de educação UNICAMP. Vídeo do YouTube, em 12 out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b1nb9O9JkQ8> . Acesso em: 12 out. 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil. **Revista Investigacion Cualitativa**, v. 2, n. 1, p. 6- 26, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/33544160/O_Movimento_Auto_Biogr%C3%A1fico_no_Brasil_Esbo%C3%A7o_de_suas_Configura%C3%A7%C3%B5es_no_Campo_Educacional Acesso em: 10 fev. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032>



PETRYKOWSKI PEIXE, Rita Inês. *et al.* Projeto Desol, na promoção da inovação social de empreendimentos em artesanato. *In: SIMPÓSIO PARANAENSE DE DESIGN SUSTENTÁVEL*, 5, 2014, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, **Anais do 5º Simpósio Paranaense de Design Sustentável**, 05 de dezembro 2014, p. 41-47. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/1c59dd_80ca92a1c5834b6594197c5fdf73ce1f.pdf Acesso em: 14 abr. 2020.

ROCHA, Simone Maria da; PASSEGGI, Maria da Conceição. Ser professora de classe hospitalar: entre vivências e narrativas de si. *In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SÁ JÚNIOR, Luércio Araújo de; BARBOSA; Tatyana Mabel Nobre. (org.). Educação e experiência: narrativas em múltiplos contextos. [e-book]* 1. ed. Natal: EDUFRN, 2021. p. 13-40. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/31810/1/EducacaoeExperiencia_Passeggi_SaJunior_Barbosa_2021.pdf Acesso em: 05 out. 2021.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Prefácio. *In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação.* Santa Maria: Editora da UFSM, 2017. p. 9-12.

Recebido em: 09 de dezembro de 2021.

Aceito em: 21 de abril de 2022.

Publicado em: 27 de maio de 2022.